

## Artigo

# Perder o apetite. A recusa do outro como busca de si mesmo. Exemplos saharianos, japoneses e franceses

**Cristina Figueiredo**

**Resumo.** Esta reflexão antropológica baseia-se em pesquisas realizadas com jovens de 13 a 25 anos de idade, que permanecem isolados no seu quarto. Sua imobilidade, que não se justifica por nenhuma deficiência física ou psicológica, questiona o lugar do corpo no momento da passagem para a vida adulta. Estes jovens expressam uma ausência de apetite do outro, que vai de mãos dadas com a abstinência sexual forçada pelo seu isolamento. A hipótese é que eles experimentam uma relação com seu corpo, sua identidade sexual - e sua sexualidade - assim como com a alimentação, comparável às adolescentes que sofrem de anorexia nervosa, mas ao contrário. Estes comportamentos questionam as relações de gênero e a distribuição de papéis dentro da família. Com base em entrevistas e observações, tanto em casa como nos centros de cuidados, este artigo mostra que estes corpos adolescentes, tornados invisíveis por confinamento ou magreza extrema, são paradoxalmente uma expressão ostensiva de desposseção de si. Um novo apetite é possível quando surge o desejo de diferenciação e permite-se novos encontros.

**Palavras-chave:** isolamento social; anorexia; adolescência; corpo; masculino/feminino.

## La pérdida del apetito y el rechazo del otro como búsqueda de si mismo. Ejemplos saharianos, japoneses y franceses

**Resumen.** Esta reflexión antropológica se basa en una investigación realizada con jóvenes, de 13 a 25 años de edad, que están enclaustrados en su habitación. Su inmovilidad, que no se justifica por ninguna discapacidad física o psicológica, cuestiona el lugar del cuerpo en el momento del paso a la edad adulta. Estos jóvenes manifiestan una ausencia de apetito por los demás que va unida a la abstinencia sexual a la que les obliga su aislamiento. La hipótesis es que experimentan una relación con su cuerpo, su identidad sexual -y su sexualidad- así como con la comida, comparable a la de las adolescentes que sufren anorexia nerviosa, pero a la inversa. Estos comportamientos cuestionan las relaciones de género y el reparto de roles en la familia. Basándose en entrevistas y observaciones, tanto en el hogar como en los centros de atención, este artículo muestra que estos cuerpos adolescentes, invisibilizados por el confinamiento o la extrema delgadez, son paradójicamente una ostentosa expresión del desposeimiento de sí. Un nuevo apetito es posible cuando surge el deseo de diferenciación y se permite nuevos encuentros.

**Palabras clave:** aislamiento social; anorexia; adolescencia; cuerpo; masculino/femenino.

---

\* Antropóloga. Professora Doutora em Ciências da Educação, Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais, Laboratório EDA, Universidade Paris Cité, França. E-mail: [cristina.figueiredo@u-paris.fr](mailto:cristina.figueiredo@u-paris.fr)

## **Losing one's appetite. Rejection of the other as a quest for oneself. Examples from the Sahara, Japan and France**

**Abstract.** This anthropological reflection is based on research carried out with young boys, aged 13 to 25, who are cloistered in their room. Their immobility, which cannot be explained by any kind of physical or psychological disability, raises questions about the body's place at the time they are passing into adulthood. These young people express an absence of appetite for others that goes hand in hand with the sexual abstinence that their withdrawal forces them to have. The hypothesis is that they experience a relationship with their body, their sexual identity - and their sexuality - as well as with food, comparable to young girls suffering from anorexia nervosa but in reverse. These behaviours question gender relations and the distribution of roles within the family. Based on interviews and observations, both at home and in care facilities, this article shows that these adolescent bodies, made invisible by confinement or extreme thinness, are paradoxically an ostentatious expression of self-dispossession. A new appetite is possible when the desire for differentiation emerges and allows new encounters.

**Keywords:** social withdrawal; anorexia; adolescence; body; male/female.

## **Perdre l'appétit. Le refus de l'autre comme quête de soi. Exemples sahariens, japonais et français**

**Résumé** Cette réflexion anthropologique s'appuie sur une recherche menée auprès de jeunes garçons, de 13 à 25 ans, cloîtrés dans leur chambre. Leur immobilité, que ne justifie aucun handicap physique ou psychique, interroge la place du corps au moment du passage à l'âge adulte. Ces jeunes expriment une absence d'appétit de l'autre qui va de pair avec l'abstinence sexuelle que leur retrait oblige. L'hypothèse émise est qu'ils vivent un rapport au corps, à leur identité sexuelle - et à leur sexualité - ainsi qu'à l'alimentation, comparable aux jeunes filles souffrant d'anorexie mentale mais de manière inversée. Ces conduites interrogent les rapports de genre et la distribution des rôles au sein de la famille. À partir d'entretiens et d'observations, à domicile et dans des structures de soin, cet article montre que ces corps adolescents invisibilisés par l'enfermement ou l'extrême maigreur sont paradoxalement une expression ostentatoire d'une dépossession de soi. Un appétit nouveau est possible lorsque le désir de différenciation émerge et permet de nouvelles rencontres.

**Mots-clés:** retrait social; anorexie; adolescence; corps; masculin/féminin.

O estudo apresentado é resultado de uma longa reflexão desenvolvida desde 1990. Naquele ano, eu encontrava-me no Sahara para pesquisar sobre o lugar das mulheres junto aos tuaregues. Nesta sociedade nômade, berbere, islâmica desde o século XI, o gênero feminino era extretamente valorizado. Os escritos antropológicos mostram que as mulheres tinham uma palavra pública reconhecida e beneficiavam-se de uma forma de idealização de sua beleza e de sua inteligência. Observamos que a maioria dos tuaregues vive um modo de filiação matrilinear que privilegia as mulheres economicamente. Isso se acompanhava na atribuição da residência, incluindo as tribos patrilineares. Diferentes crises políticas (independências das ex-colônias francesas que dividiram as zonas pastorais em vários estados-nação), climáticas (secas repetidas) e econômicas (perda do gado e o empobrecimento da sociedade) perturbaram os modos de relações e de subsistência dos tuaregues em seu vasto território. Durante várias décadas, um grande número de adolescentes e jovens, sobretudo os rapazes, exilaram-se nos países vizinhos, observando, assim, um regime patriarcal que deixava pouco espaço para as mulheres. Estes jovens tuaregues foram, então, privados dos encontros amorosos que, no seu país, eram essenciais para a descoberta do corpo, das suas sensações e das emoções que crescem e são domesticadas durante todos esses anos de amadurecimento físico e psicológico. Através da participação nos jogos de amor e de sedução, as sutilezas do encontro com o outro são aprendidas e tornam-se um terreno fértil para a construção do ser sexual. As aprendizagens

adquiridas durante este período condicionam a sua participação na vida social. Ao retornar ao seu país de origem, como estes jovens, que estavam afastados desta educação *in situ*, poderiam conciliar a sua representação de gênero masculino hiper valorizado, no exílio, com as representações de sua família, na qual o feminino é fortemente respeitado e elogiado? Com o intuito de responder a esta questão, estudei sistemas de educação e as relações de homens/mulheres entre os tuaregues, realizando trabalho de campo através da observação participante e de entrevistas, durante longas estadias na Argélia e, sobretudo, no Mali, entre 1990 e 2005. Pude testemunhar o retorno dos rapazes que tinham acabado de crescer em países sob forte domínio masculino. O choque das representações antagônicas a respeito do masculino e do feminino foi tão intenso a ponto de muitos entre eles afundarem-se numa apatia que nenhum remédio conseguia aliviar. Depois de terem tentado muitas vezes estabelecer relações de sedução baseadas na dominação, constatam a fragilidade do personagem construído nas sociabilidades masculinas, inadequadas à sua sociedade de origem. Desse modo, colocam em destaque a sua imaturidade relacional e uma provável insegurança afetiva experimentada no exílio. Assim, os jovens homens, mesmo não sofrendo nenhuma patologia física, permaneceram acamados, impossibilitados de moverem-se, de participarem da vida social, de comerem alimentos sólidos, exigindo silêncio e isolamento. Às vezes aguardam a morte chegar.

Em 2009, integrei-me, juntamente com a minha universidade, a uma equipe composta de psiquiatras, psicólogos clínicos, sociólogos e antropólogos, a qual foi constituída pela iniciativa de Pierre-Henri Castel, o qual fora solicitado pelos psiquiatras japoneses que queriam comparar os casos de isolamento de jovens em residências no Japão, com os casos na França<sup>1</sup>. Desde os primeiros encontros, que visavam estabelecer uma metodologia e compreender o fenômeno de isolamento, os meus dados do trabalho de campo sahariano pareceram esclarecedores para poder estabelecer as ligações entre as diferentes formas de clausura (Figueiredo, 2013). Em particular, a primeira fase da pesquisa tratava-se de identificar o lugar do corpo na expressão desta apatia, observando a recusa da comensalidade e a ausência do desejo sexual apresentados pelos jovens enclausurados. Para estudar os casos francês e japonês, respectivamente, foram utilizados vários métodos. Como estas pessoas estavam, por definição, isoladas, inicialmente construímos os guias de perguntas que eles deveriam preencher sozinhos, e, depois, enviar por intermédio de seu terapeuta. Nós recolhemos vários questionários através dos psiquiatras japoneses que participavam do projeto. Estes diários íntimos, escritos ao longo de várias semanas, indicavam a ruptura de seu tempo no cotidiano, acompanhado de algumas observações espontâneas e/ou em resposta a perguntas colocadas. Esta experiência deu uma visão sobre o cotidiano desses jovens, os quais estão frequentemente dessincronizados com o resto da família. A descrição do dia e as respostas dadas não deixam transparecer nenhuma emoção, nenhum estado de ânimo. Por vezes, de modo surpreendente em relação ao tom lacônico do resto da escrita, uma frase brutal deixa supor a violência morta e contida no corpo fechado, tal como: “Gostaria de matar a minha mãe”.

Uma segunda fase da pesquisa consistiu em solicitar aos funcionários da educação e da saúde, confrontados pelos alunos e estudantes que não frequentavam a escola e estavam reclusos, que nos ajudassem a selecionar casos. Seguiram-se várias entrevistas na França e no Japão. Houve também grupos focais em associações no Japão durante uma primeira viagem.

---

<sup>1</sup> Um protocolo de pesquisa foi estabelecido, desde 2010, pelos pesquisadores da Universidade Nagoya e do Temple no Japão e da Université Paris Descartes no Japão. Ele deu origem a várias publicações entre quais destacamos: Fansten, M., Figueiredo, C., Pionnié-Dax, D. & Vellut, N. (2014) *Hikikomori. Ces adolescents en retrait*, Paris : Armand Colin.

Na segunda viagem, realizou-se as entrevistas em dupla com uma psicóloga clínica. Paralelamente, na França, as entrevistas foram distribuídas entre uma socióloga, uma psicóloga clínica e uma antropóloga. Para além dos jovens indicados por seus próprios cuidadores, realizei observações numa “Maison des adolescentes”, uma estrutura com consultas médicas e terapêuticas, um hospital-dia e uma estrutura de acolhimento em internamento. Iniciou-se, então, um trabalho de campo de dois anos que visava identificar casos de isolamento social para a pesquisa conjunta, bem como prosseguir uma reflexão antropológica sobre o lugar do corpo na transição da infância para a vida adulta

Durante o primeiro ano de trabalho de campo, assisti a grupos de discussão e consultas dois turnos por semana, sem fazer distinção entre patologias, apresentando-me como antropóloga e pesquisadora. No segundo ano, desenvolvemos uma observação participante no hospital. Dois dias por semana, vivia o cotidiano dos adolescentes, fazendo as mesmas atividades, participando de suas conversas e submetendo-me às regras que lhes eram impostas (Figueiredo 2019a). Paralelamente às entrevistas realizadas nesta estrutura e também em domicílio, com os jovens isolados, o meu interesse centrou-se também nas adolescentes que sofriam de anorexia nervosa e que foram hospitalizadas porque eram numerosas e despertavam muita atenção. A observação de suas experiências durante a hospitalização e dos seus cuidados complementou os dados recolhidos na sala de consulta dos pedopsiquiatras no ano anterior, quando também escutei vários relatos de seu distúrbio alimentar. No decurso desta pesquisa, surgiu a ideia ora apresentada, a saber: a semelhança extremamente perturbadora entre a anorexia nervosa desenvolvida pelas jovens e a situação de isolamento na qual os rapazes são mais frequentemente encontrados. Em primeiro lugar, em ambas as configurações, há uma impossibilidade de partilhar as refeições. Há também um apagamento e controle do corpo, que evocam um ascetismo patológico associado a uma dominação toda potente, às vezes sobre o próprio corpo e sobre o dos outros. Finalmente, o silêncio em torno da sexualidade, a construção problemática de um gênero, e a obsessão de subjugar fisicamente um corpo em plena transformação, tudo associado à difícil relação com os outros, são marcantes nas suas expressões em oposição às expectativas sociais. No caso das jovens anoréxicas, a sobrecarga de atividade física e a hiperatividade escolar e social evocam uma masculinização, enquanto a apatia dos rapazes afastados da escola e dos laços sociais evocam uma feminização. Todos estes elementos permitem questionar a maneira pela qual constrói-se uma certa representação do corpo na infância, induzindo a uma expressão alterada de si, no momento da passagem à idade adulta.

Vários anos de observação nos três trabalhos de campo, centenas de horas de escuta, gravações e anotações, constituíram a matéria para a discussão do que será apresentado em seguida. No caso dos jovens em isolamento, as entrevistas conduzidas pela psicóloga clínica, pela socióloga e por mim mesma foram gravadas e agrupadas. Um termo de consentimento livre esclarecido, garantindo o anonimato da sua história, com a aprovação do comitê de ética da nossa universidade, possibilitou submeter os jovens às entrevistas, e os seus pais eram entrevistados quando os jovens eram menores de idade.

Parte da reflexão seguinte é fruto deste trabalho sobre a questão do isolamento social dos jovens, refletido em uma perspectiva interdisciplinar. A sua base teórica e antropológica foi anteriormente construída no âmbito do Laboratoire d'anthropologie sociale do Collège de France em Paris e faz parte de uma “antropologia simbólica do corpo”, uma corrente desenvolvida por Françoise Héritier. Em 2019, um colóquio internacional sobre “Alimentação e sexualidade. A questão da sua interseccionalidade” foi organizada no Colégio do México

pelos membros da equipe “Corpos e Afetos”, criada por Hérítier. A discussão apresentada a seguir é o resultado do desenvolvimento da minha comunicação para esse evento.

### **Contexto adolescente em situação de isolamento**

Nas transições para novos status, mais emblematicamente na adolescência, quando as mudanças físicas são mais ostensivas, entre o momento da separação do status anterior e a entrada num novo, chamado “agregação”, por Arnold Van Genep (1909), há indivíduos que permanecem no limiar por mais tempo do que outros. Eles estão numa posição intermédia, como se estivessem procurando desafiar as transformações impostas pelo tempo e as leis instituídas pela sociedade. Eles colocam-se numa posição fora das normas, fora das identificações, fora das relações, fora do espaço e do tempo.

No Japão, o patamar de uma casa é o lugar que permite passar do exterior para o interior, de “subir” na casa, de acordo com a expressão japonesa descrita por Philippe Bonnin (2000). Neste espaço, o indivíduo se descalça, alivia-se da máscara da persona ou, pelo contrário, veste-a, prepara-se para acolher ou ser acolhido. É um lugar para estabelecer relações, para proporcionar laços íntimos e convenções sociais.

Os jovens em isolamento social que encontrei na França, no Japão e, primeiramente, no Sahara, mostravam-se como se estivessem parados: já não sabiam se deslocar, aonde ir e já não lhes era mais possível retroceder, voltar atrás. O que eles já deixaram, ou perderam – segundo suas interpretações – eles não podem retomar, e ninguém lhes devolverá. Para muitos, esses são corpos de criança, uma forma de despreocupação muito intensa e um desejo edipiano inconfessável. Em todos os casos, é um corpo imaginado e uma posição ideal. “Nem criança, nem ainda adulto”, os adolescentes são geralmente definidos por esta dupla negação e pelo tempo intermediário que ela envolve, um lugar do nada e do tudo, de extrema indiferença e urgência de ser. Ao experimentarem fisicamente e psiquicamente a mutação que está ocorrendo dentro deles e as novas expectativas que ela impõe, alguns adolescentes ficam paralisados, incapazes de se envolver no mundo com um novo corpo, de se representar e de investi-lo. Esse corpo parece não lhes pertencer, como se eles não se apropriassem deste, sentindo-se despojados dele. A violência que eles experimentam mantém-se em silêncio, enclausuram-na, na maioria das vezes, no próprio quarto. Eles são dotados de um corpo que não sente, ou mais, que nem sequer existe através do olhar dos outros.

*Hikikomori* é o termo usado no Japão, “excluído no interior”, quando eles estão fechados em casa, há, pelo menos, 6 meses. Eles não saem mais, não vêem os amigos, não seguem mais os estudos. São jovens sem patologia física ou mental prévia, os quais já não respondem mais às injunções familiares e sociais, não demonstram a sua masculinidade na sua forma de ser e na sua aparência física. Jovens que já não mostram qualquer desejo, que respondem de forma negativa a qualquer pergunta, que deixam os outros agitarem-se em torno deles, e que podem escolher por eles, e realizar em seu lugar. Tomemos o caso de Louis, encontrado em sua casa na França, que estava apático no início, ao ponto de simplesmente ficar deitado em sua cama olhando para o teto, durante cinco meses. Ele muda-se para sentar-se em frente ao seu computador, mas o jovem quase nunca sai do seu quarto, e é a sua mãe que lhe traz a comida, deixando, por vezes, uma bandeja de almoço à porta, apesar da oposição do pai a isto, esperando que a fome fará o seu filho levantar-se. Louis, às vezes, concorda em sair quando o seu irmão busca-o para levá-lo a tomar um ar em sua casa, em um sítio, oferecendo-lhe algumas horas extras na cantina da empresa na qual ele trabalha. A esposa do irmão de Louis convence-o de

ir ao salão para cortar o cabelo e consegue levá-lo para as lojas para que ele se vista como um rapaz da sua idade. Louis diz-me que não lhe interessa quem compre as suas roupas, quem lhe faça comer, que lhe adorne com as roupas ou que ele coma, é tudo a mesma coisa. Ele diz que não tem prazer, por isso mais vale deixar que outros o tenham em seu lugar. Eis a questão: há ausência de gosto, tanto na roupa quanto na comida, sem mais desejo, sem mais vontade de agradar, de encontrar, de debater, de se emocionar, de desfrutar. “Não quero nada”, diz um dos rapazes entrevistados, “preferia não o fazer”, diz Bartleby (1996 [1853]).

No caso de Louis e da grande maioria desses jovens, eles já não suportam mais o olhar dos outros, ele procuram diminuir-se evitando partilhar os espaços comuns da casa com a família. O banheiro, esse lugar emblemático da intimidade corporal, pode tornar-se objeto de repugnância ao ponto de alguns jovens testemunharem, nos diários cotidianos que eles nos transmitem, as horas que passam o limpando para apagar os vestígios deixados pelos outros e poder lavar-se. Por vezes, eles desistem de utilizar o banheiro, desencorajados pela ideia de que algo do outro possa permanecer, de estar em contato com estes traços do outro. A cozinha é também um local de passagem, em momentos quando ninguém deveria estar lá. Comer à noite, ou apenas a refeição deixada diante da porta, é uma imagem característica dessas situações de isolamento. O objetivo é evitar qualquer contato, qualquer comensalidade, toda manifestação corporal de si que seria avaliada, julgada e colocada de acordo com critérios familiares.

Os elementos que atuam como gatilhos para o isolamento são de várias ordens: alguns jovens mencionam um escárnio, às vezes o fim de uma amizade ou uma relação amorosa, uma má pontuação ou um mal-estar inexplicável. Nas entrevistas realizadas com eles, tanto na França como no Japão, existia frequentemente uma desordem física que os expôs, fê-los sentir vergonha, levou-os a fecharem-se em si mesmo. Este incidente corporal é raramente mencionado no início, uma vez que a maioria dos jovens que conhecemos consultaram, muitas vezes, o seu médico de família e vários especialistas (dermatologistas, gastroenterologistas, alergologistas, psiquiatras) e foi construindo-se gradualmente um discurso sobre a sua situação, até o diagnóstico final estabelecido a respeito do seu caso: *hikikomori* para os casos japoneses; depressão, fobia escolar ou social, para os casos franceses. O medo de expor as suas espinhas, de ser tomado por dores de estômago, vômitos, tremores, suores, desconforto, mal-estares, incontinência, vermelhidão, é considerado como transtornos resultantes de uma patologia ou sofrimento psíquico. A relação com o corpo, induzida pelos sintomas físicos, faz parte de um quadro clínico no qual esses se tornam secundários, possivelmente invisíveis, enquanto que, para o antropólogo, eles designam representações sociais e culturais significantes para analisar este comportamento.

## **A alimentação como consubstancialidade**

A perda do apetite é uma preocupação frequentemente levantada pelas famílias e, juntamente com a questão do isolamento, leva-as a procurar ajuda através de várias consultas. Deixar de comer desorganiza a todos do grupo familiar. Não se trata apenas de não comer, mas de deixar de partilhar uma refeição e todas as relações que esta troca comensal implica. Toda a família sente-se responsável pela falta de apetite de um dos seus membros e isso coloca um dilema antropológico porque, retomando a ideia no título da obra de Maurice Godelier, “na base das sociedades humanas” há trocas, e recusar alimentar-se é mais do que recusar um dom, é o mesmo que quebrar o ciclo que impõe a obrigação de receber e de dar (Godelier, 2007).

Entre os tuaregues, a perda do apetite e as doenças que a acompanham constituem uma doença chamada *amaghras*<sup>2</sup>. Ela desenvolve-se quando uma pessoa foi privada de um hábito alimentar. Ao consumir novamente o objeto de desejo, opera-se uma forma de contaminação ao ponto de tornar a pessoa doente. Seguem-se os sintomas de intoxicação alimentar, incluindo vômitos, febre e erupções cutâneas. Pequenas espinhas, específicas desta doença, aparecem por todo o corpo formando pequenas bolhas, como se algo quisesse sair através da pele. Encontrar aquilo ao qual o indivíduo está ligado, ao que ele identificaria como parte da sua vida diária, esses pequenos hábitos que tranquilizam e acalmam, produzem dores mais intensas do que ter sido distanciado deles. A separação, a ausência, levaram a uma ruptura na relação do indivíduo com o objeto de fixação. Este alimento, cuja necessidade foi imaginada e reelaborada durante a sua privação, quando o indivíduo encontra-o novamente, lembra-lhe que algo mudou: o sabor e a sensação que seguem à sua ingestão já não são os mesmos. Uma desordem física e emocional instala-se. Para algumas pessoas, isto é duradouro.

Os jovens saharianos que sofrem de *amaghras* e desenvolveram um comportamento semelhante aos *hikikomori* japoneses, pareciam, ainda assim, ter saído da adolescência e dos seus transtornos. Eles eram frequentemente ativos, tinham relações amorosas e sexuais e mantinham uma grande rede de amigos. Isto os levou a partilhar refeições com amigos e eles pareciam estar envolvidos como sujeitos nestas relações. Alguns deles já eram casados e tinham relações extraconjugais que todos conheciam. Comer na casa da esposa, muitas vezes instalada perto da mãe do esposo, era uma coisa obrigatória e acordada. Comer com a amante foi a escolha de outro prazer, o de uma busca mais pessoal, associada a um erotismo altamente valorizado no ambiente sedentário, ao passo que este não é o caso entre os nômades. Um dos jovens, Iyad, sofreu de *amaghras* quando soube que a sua amante o deixava para preparar uma refeição para outra pessoa. Iyad caiu subitamente em um silêncio, com falta de apetite, falta de desejo, desinteresse pela vida. Com os olhos vazios, os membros sem força, devido à rápida perda de peso, tornou-se impossível para Iyad, bem como para todas as pessoas afetadas por essa doença, levantar-se, carregar um infimo líquido ou alimento na boca, ouvir e suportar a presença de outros. Se, para Iyad, o abandono daquela que lhe deu prazer sexual e estimulou o seu desejo quando ele estava longe dela, parece ter desencadeado este estado, os fatos nem sempre são tão óbvios. E seria basicamente suficiente, neste tipo de situação, investir numa nova relação amorosa. Nem todas as tristezas do amor, se este fosse o caso, produzem esse isolamento. É algo mais, uma ausência que causa essas perturbações somáticas e corta o apetite. Por isso, a família agita-se com eles, chama os curandeiros e os clérigos mais prestigiados para encontrar os remédios mais seguros para curar o corpo, a mente e a alma que sofrem. Mas nada ajuda, nem mesmo a visita de amigos permite-lhes recuperar o seu apetite e vitalidade. Permanecem confinados ao fundo de um quarto na casa da mãe, num ambiente sedentário, ou na sua tenda, para aqueles que instalaram suas esposas num ambiente nômade.

Entre esses jovens que conhecemos no Sahara, muitos deixaram o seu país com a idade de 13-14 anos, em busca de novas experiências e sem completarem a sua educação. No exílio, sem pontos de referências, os encontros e a comensalidade com outros tuaregues da mesma geração que, assim como eles, viviam os transtornos da separação e os distúrbios da adolescência, eram essenciais. Partilhar os mesmos gostos era reconfortante. Contudo, esses “amigos” poderiam rapidamente tornar-se rivais, especialmente quando se trata de encontrar um lugar melhor com um líder de grupo, partilhando a sua refeição e conquistando uma jovem mulher da sua idade.

---

<sup>2</sup>É importante observar que os sintomas aparecem mais frequentemente quando a pessoa foi privada do alimento base dos tuaregues: o leite. Ele é associado à vida e ao mundo feminino.

Essas aventuras entre pares, fundamentais no momento da passagem à idade adulta, são normalmente organizadas no contexto do país tuaregue e na maioria das sociedades do mundo: os adolescentes confrontados com estas peripécias e reviravoltas relacionais conseguem a maior parte do tempo ultrapassá-las graças ao enquadramento familiar que proporciona segurança nos processos de identificação. Partilhar os afetos, os medos, um presente, gostos e desprazeres, torna possível canalizar as preocupações sobre o futuro, enquanto se institui uma forma de nostalgia sobre o passado ligada à infância. Dois dos elementos chave da adolescência é tanto a transformação do corpo, da relação consigo e com o mundo, quanto a tomada de consciência de uma nova temporalidade onde há coisas, seres, relações, alimentos, que aparecem e desaparecem, que fazem bem em um momento, e mau em outro tempo, que amamos e saboreamos sem moderação durante meses, e que se tornam repentinamente indigestos. Esse tempo impõe-se sobre a matéria física que compõe o corpo. Até então, os adolescentes tinham-no partilhado com a sua família. Mas uma separação que corre mal, um ambiente, um corpo, um gosto, que já não se reconhece mais, contribui para instalar a confusão.

Para ilustrar esta relação com o corpo e a alimentação, específica da adolescência, é interessante recorrer à extensa pesquisa conduzida por Nicoletta Diasio (2014;2017) e uma equipe de pesquisa, por ela coordenada, na França e na Itália. A partilha de refeições e dos banheiros nas famílias foram questionadas em vários contextos. As descrições destacam a forma pela qual os adolescentes procuram, nos hábitos físicos e alimentares familiares, as equivalências, as características que lhes permitem fazer a ligação com o sentimento do que eles têm de ser e o que eles estão se tornando. As moças e os rapazes entrevistados apontam para gostos compartilhados com a mãe ou o pai, no que se refere ao prato, e também para um ritual em torno dele, e isto os filia. Às vezes, eles não podem, semelhante a um dos seus membros de sua família, consumir um determinado alimento, ou usar um determinado material contra a sua pele, ou ainda dormir numa determinada posição, e todos estes pequenos hábitos sugerem que os seus corpos são semelhantes, intimamente ligados por essas particularidades, constituídos das mesmas substâncias. Esses corpos identificados uns com os outros, distinguidos por fragmentos de diferenças singularizadas, constituem uma linhagem comum que é física e psicologicamente segura.

Em contraste com essas identificações construtivas, destacadas da pesquisa de Diasio, a perda do apetite observada nas minhas investigações parece mais uma desafiliação: eles já não podem mais ingerir o que tinham em comum com o resto da família, até aquele momento. O processo de identificação é interrompido nessa perda. O ascetismo que se segue parece significar que tudo vindo do outro é uma fonte de envenenamento, de contaminação. Os jovens sem apetite para comida e sem desejo sexual são assombrados por uma forma de medo de serem devorados.

Não aceitar, ou ser incapaz de consumir os alimentos feitos por outros, para si mesmo e não em si mesmo, é como proteger-se das suas intenções de comensalidade, de partilhar o que entra na boca, do que é mastigado, deglutido, evacuado através dos esfíncteres, os lugares que os jovens já não controlam mais. Maurice Bloch (2010) descreve este medo de envenenamento entre os Zafimaniry em Madagáscar. A idéia de contaminação governa todas as relações de parentesco e comensalidade, tanto que Bloch identifica os alimentos como “(...) condutores excepcionais de consubstancialidade social, e que podem ser chamados ‘condutores retóricos’ (...)” (Bloch, 2010, p.87). O autor acrescenta à sua reflexão a constante dialética entre o que Françoise Héritier e Pierre Bonte chamaram “o próximo e o distante”.

Quando se vai a uma aldeia estrangeira, aconselha-se a tomar um antídoto mágico para o envenenamento. Este é também o caso quando se vai a um banquete. A razão é que quando alguém vai visitar os parentes mais distantes, será levado a participar na unificação substancial doméstica que é a comensalidade. [...] Ela intimida a independência e impulsiona para uma intimidade demasiada grande com aqueles com quem podemos estar em conflito. [...] Por conseguinte, há sempre o medo de que a proximidade que está sendo criada pela comunicação corporal direta que certos alimentos estabelecem não se torne simplesmente um meio para. É isto que é expresso pelo medo de envenenamento. E como seria de esperar, quanto mais um alimento é um bom condutor, criando proximidade corporal, melhor serve como veículo para o envenenamento. (Bloch, op.cit. p.88)

As observações de Bloch nos interpelam, mesmo que elas advenham de uma outra sociedade, nos interessam pelo caso do *hikikomori* para quem o desafio parece não se expor nem aos olhares devoradores, tanto daqueles íntimos quanto dos estrangeiros, nem à sua insuportável mastigação. Eles estão procurando um lugar onde se refugiar, onde se separar, e, paradoxalmente, esse lugar está dentro daquilo que eles querem evadir. Onde foram alimentados, com comida, com palavras, coisas não ditas, com tudo o que nutriu seu imaginário e os seus medos.

Esta prodigalidade de preocupações, possivelmente de angústias, esgotam-nos. Não é por estarem saciados que se deitam a olhar para o teto, é a indigestão que os impulsiona para o isolamento. No entanto, ainda assim, não conseguem o controle completo do que é ingerido e evacuado. A mãe de Louis conta-nos os problemas de incontinência do seu filho como se fossem seus, levando-o aos especialistas que ela própria tinha consultado. Um desses médicos sugere uma cirurgia para esse problema, existente desde a infância, e que ela sempre havia monitorado. Mãe e filho estabeleceram estratégias de fuga, como se o mesmo corpo pertencesse ao filho e, por vezes, à mãe:

Pesquisadora: E como isso se desencadeou ?

Mãe de Louis: Fugas. Tinha fugas. Tinha as evacuações (...). Mas, bom, mesmo quando era criança, já tinha tratamentos (...), mesmo bebê (...) Quando estava na escola primária, ele tinha evacuações. Como ele voltava ao meio dia, já que a escola está mesmo ao lado, por isso ele se trocava a roupa (...)

Pesquisadora: Ninguém se dava conta?

Mãe de Louis: Eu não acredito, não. Bom, ele trocava a roupa e depois... Não, porque, mesmo na escola, à primeira vista, ninguém reparou (...). Louis teve sempre a impressão de que todos o viam, todos sentiam. Quando tinha de ir para à piscina, era uma ansiedade inacreditável. Eu levava-o, ele não queria sair do carro. De fato, ele foi obrigado a despir-se e então... Por isso, depois, já não ia mais à piscina.

Louis concordou inicialmente com a cirurgia e foi para as várias consultas pré-operatórias. Na manhã da operação, ele decidiu ficar no seu quarto e disse à sua mãe “isso não servirá de nada”.

Em um outro caso, o de Olivier, a mãe observa a textura de seu vômito e comenta.

Pesquisadora: ‘Era curioso que ele vomitava’, tinha uma consistência?

A mãe de Olivier: Sim. Sim, porque ele tinha, por assim dizer, o estômago vazio porque ele comia quase nada. Assim, quando vomitamos, é a bÍlis que vomitamos quando o nosso estômago está vazio. Mas, para ele, era uma espécie de substância esbranquiçada. Foi realmente muito curioso. Foi isso que me preocupou um pouco no início. Bom, teria sido a bÍlis, eu teria dito a mim mesma: bom, ele está angustiado. Mas aí, não. Sim, era uma consistência estranha. Uma cor esbranquiçada, um pouco leitosa. Por outro lado, eu não o via vomitar.

Os corpos desses jovens parecem expressar, às vezes, uma contenção impossível, e também a procura de uma saída de emergência, à sua separação, à acumulação do semelhante que os consome (Héritier, 2003). Para os jovens tuaregues, o corpo perdeu-se no exílio, onde eles deveriam encontrar uma saída, para finalmente regressar e se espalhar na casa da mãe. Para os jovens na França e no Japão, é nos variados esvaziamentos corporais que o sintoma do indiferenciado revela-se, uma vez que também há auto-mutilação em alguns casos observados, embora seja mais frequentemente um comportamento feminino. Algo deve ser evacuado, o que não envolve o prazer de um orgasmo e de uma ejaculação, já que muitos terapeutas falam da assexualidade destes jovens cuja libido se tornou ausente. Mesmo se, às vezes, no início do isolamento, eles acessem os sites pornográficos e a masturbação pudesse ser feita, de acordo com alguns relatos, algo de mais apático e uma negação das necessidades corporais instalam-se rapidamente.

### **A casa como refúgio: nos limites do incestual**

Entre os tuaregues, a tenda e a casa são designadas pelo termo *ehen*, que também define o útero. Nesta forma de reclusão, inicialmente voluntária e, posteriormente, involuntária, os jovens que se afastam procuram um lugar onde possam cessar a cadeia de acontecimentos e escolhas que não são as suas. Eles voltam a uma origem, ao ponto zero da sua existência, como se procurassem algo que não tivesse sido desvirtuado pelo social, pela educação e pelo ambiente aos quais eles foram submetidos. Um lugar onde eles pudessem, sem constrangimentos, desconstruir as expectativas e esperar encontrar outro apetite. E isto aparece inicialmente pela manifestação de tudo o que os perturba. Assim, Ueyama, um *hikikomori* japonês que tem frequentemente testemunhado a sua reclusão, com quem Nicolas Tajan, um pesquisador e psicólogo em Kyoto, encontrou-se em várias ocasiões, relata a evolução dos seus transtornos<sup>3</sup>.

De manhã, dói-me o estômago e eu tenho cólicas. Eu peço à minha mãe para não ir à escola. Logo ela me diz: ‘Entendi, está bem, você pode ficar em casa.’, isso o acalma (...) Como um rapaz ‘excluído’, eu passei o meu tempo sem fazer nada e a me masturbar todos os dias. Apenas a impaciência, o remorso, e a pulsão, um pedaço de carne abandonado. Apenas o desejo sexual e a angústia do futuro. (...) Naquela época, ir ao banheiro me repugnava. Eu tinha repulsa (...) pelo fato que ‘eu tinha o meu corpo’. Eu comia e evacuava os excrementos fétidos. Foi por causa deste corpo que eu não tenho mais como ir à escola. O corpo que eu não conseguia controlar. (Ueyama Kazuki citado em Tajan, 2017, p. 263-265).

O adolescente espera pelo consentimento materno para sentir-se aliviado. Este alívio é também experimentado pela masturbação, na casa onde a sua mãe está permanentemente presente. Outras vezes, o seu corpo e o que dele sai o revoltam, e as suas ejaculações serão colocadas no mesmo pacote dos humores do corpo “fedorentos” e “repugantes”. Este corpo dado, moldado, nutrido, mal desmamado, parece rebelar-se, conta uma história rejeitada por aquele que não a possui. Ueyama, como a maioria dos jovens isolados que encontramos, não consegue ligar-se a este corpo do qual as sensações escapam-lhe.

Trata-se, então, de encontrar uma forma de entrar em contato com ele, como o embrião que se curva sobre si mesmo, toca-se por limitações neste espaço restrito que constitui a matriz. Ao mesmo tempo, ele reage aos estímulos que percebe, especialmente a atividade daquela que o

---

<sup>3</sup>Nós também pudemos ver em vídeo, durante uma reunião de nossa equipe.

gesta: os seus movimentos, os seus sons corporais, a sua voz, a sua presença. Nestas condições de isolamento em um quarto no lar materno, como se pode imaginar um espaço próprio, uma atividade física e afetiva que pertença a si mesmo? O jovem *hikikomori* está enojado de seu próprio corpo e dos seus humores, ou do corpo que permitiu e consente, ainda, a gestação? Além disso, a vergonha que estes jovens dizem sentir por não serem capazes de controlar esse corpo, não é, em vez disso, mais uma culpa por não conseguirem apossar-se daquilo que eles supõem ainda não lhes pertencer? Eles encerram seu próprio corpo ou o corpo da pessoa que lhes apoia e cuida?

Estas questões são preocupantes. Ao ponto que se pode perguntar, considerando este isolamento como uma forma de regressão a uma fase fetal, se a impossibilidade de ter uma atividade sexual seria uma forma de evitar um ato de incesto, ou o matricídio. Existe, de fato, nestas hiper-presenças de uns e dos outros, uma atmosfera incestual que impede qualquer forma de expressão individualizada, incluindo sexual. Isto é o que diz o autor desta noção:

O Édipo é concebido como uma perspectiva entre o inconsciente e o consciente, entre a fantasia e o ato; como uma trama que se baseia na dupla evidência (consciente e inconsciente, individual e familiar) da diferença dos sexos e da diferença de gerações. Onde esta trama está organizada, ela não pode deixar de sentir tudo como se percebe sob os dedos a trama de um tecido, e se esta trama está solta ou rompida, isto pode ser sentido no tato. Então onde se encontram a trama e a perspectiva, não há incestuosidade; mas se alguma vez elas parecerem inexistentes ou mesmo inoperantes, pense no incestual; certamente ainda não terá provas disso, mas já terá uma forte presunção disso (Racamier, 2010, p. 60).

Neste contexto, o dilema dos jovens isolados na casa dos pais é de saber se ejacular na casa da mãe, debaixo da sua tenda, não estariam ejaculando no seu ventre. Não seria isso uma transgressão impensável, uma traição, uma mistura de humores corporais que evoca incesto? A resposta antropológica a estas questões foi esboçada por Françoise Héritier, que utiliza a expressão “o odor do incesto” em várias dos seus trabalhos. A expressão diz respeito às regras e interditos do casamento entre os Samo do Burkina Faso, a partir de suas reflexões sobre o incesto do segundo tipo. Héritier baseia-se nas suas teorias sobre o equilíbrio e a circulação dos humores corporais para revelar uma regra de proibição do incesto, a qual vai além do ato sexual consumado entre duas pessoas. Ela usa a expressão de Pierre Damien, do século XI, “o odor do parentesco”, para explicar que o que “passa através dos indivíduos” é por ela nomeado de “o sentimento do idêntico”.

Finalmente, qual o momento, dentro da mesma família, em que uns e outros estão tão próximos do proibido que esse é esquecido, contanto sem que a passagem ao ato sexual se concretize? A comensalidade impossível e a ausência de dividir o quarto reservado ao cuidado do corpo na casa, o banheiro, ilustra algo da recusa de misturar-se, uma tentativa de diminuir a emulsão familiar. Ueyema já não suporta o cheiro do seu sémen. Nicolas Tajan (op. cit., p. 266), relata com as suas palavras: “o esperma fétido” e “as relações humanas cheiram mal como esperma”. Da aversão ao seu próprio corpo e aos humores que dele exalam, ele próprio fica enojado dessas relações que não consegue manter, com as namoradas, com a sua família, consigo. Ueyema observa, sem pestanejar, um humor corporal de sua mãe: as lágrimas que ela derrama sobre a sua situação. Ele, no início de toda esta efusão de humor, alivia as suas ansiedades masturbando-se. Estas descargas de humores corporais na casa compartilhada questionam o antropólogo iluminado pelas teorias de Racamier.

Os hikikomori vivem um imbróglio na relação com a sua mãe, que lhes é característico. São confrontados com as invariantes antropológicas: a proibição do incesto e a obrigação de diferenciar-se entre gerações, mas não parecem ser capazes de poder corresponder às

expectativas sociais e, talvez, familiares. Assim eles permanecem, ao menos, fiéis a esta relação fusional e ambigua, uma forma de permanecer leal, a despeito de si mesmos. É como se estes jovens ainda tivessem que responder ao dever de fidelidade, frequentemente rompido pelo marido da mãe – o pai, que partiu, morto, ausente –, rompido também pelos irmãos e irmãs que se emanciparam cedo e deixam a mãe em solidão. Quem alimenta diariamente a mãe quando ela se encontra sozinha? Às vezes, a impossibilidade de manter este papel de mãe-cuidadora também exige a presença do filho, como no caso da mãe de Kilian, outro jovem que conhecemos na França. Prostrada por um problema que a impede de ficar em pé, é o seu pai, que também foi obrigado a deixar de trabalhar por causa de uma patologia órfã que ocorre ao mesmo tempo, quem faz as compras, e é o filho quem cozinha e se certifica de que todos se alimentem antes de se trancar novamente no seu quarto. A sucessão de gerações é quebrada: o filho é pai e mãe, fragmentado entre diferentes papéis que o incomodam, ao ponto de nunca ter sido capaz de convidar um amigo para a casa, de nunca ter sido capaz de fazer amigos da sua idade, ou estar sempre numa relação em que fazia pelo outro, uma relação sem contrapartida, sem possível troca, onde o único objetivo é oferecer os seus serviços para não oferecer hospitalidade a si mesmo. Os outros constituem ameaças, podem revelar estes corpos dependentes uns dos outros, ao ponto de não poderem se separar. O quarto é um refúgio, um lugar onde Kilian pode esconder sua auto-aversão, por ser “um farrapo humano”, segundo as suas palavras. O quarto é uma fortaleza à imagem do corpo que ela contém, um corpo de defesa. Do que ele se defende?

Desta vez, é a literatura que nos oferece fragmentos da resposta. Em *Uma barragem contra o pacífico*, uma autobiografia romanceada, Marguerite Duras fala da repugnância ao outro que os colonos demonstram a respeito dos indígenas. Deve-se evitar o seu cheiro, especialmente a sua comida, recusar a promiscuidade com esta alteridade repulsiva. A injunção é repetida às mulheres a fim de que elas eduquem os seus filhos baseadas na diferença e rejeição ao outro, especialmente as meninas, qualquer mulher europeia que durma ou, pior ainda, que case com um nativo é despojada dos seus direitos. Suzanne, a protagonista de Duras, ela própria sente um profundo nojo a respeito do chinês rico, que está perdidamente apaixonado por ela. A sua mãe bate-lhe quando suspeita que ela teve uma relação sexual com ele. O irmão é o único homem admirável aos olhos da mãe e da irmã. Mesmo quando ele come mal, admiram-no, e a mãe tem uma voz suave e terna quando empanturra seus filhos à mesa. O irmão acalma a mãe durante os seus momentos de cólera, ameaça deixá-la, a mãe desfalece e ele termina sempre lhe ajudando a deitar-se. Quando o irmão, que se perde nos braços de muitas conquistas, tanto nativas como também esposas de colonos, de repente se apaixona por uma ocidental e decide partir para encontrá-la, a mãe não se preocupa, “ele voltará”, diz ela, porque a única mulher com quem ele ficou mais tempo foi ela, a mãe. E ele ficará com ela para sempre, porque o irmão de Marguerite Duras foi enterrado na mesma sepultura que a sua mãe, como dois amantes para sempre unidos<sup>4</sup>.

Esta casa, onde reina de modo permanente uma atmosfera de incesto, com ou sem a passagem ao ato, é aquela casa fechada onde os personagens exteriores não têm outro interesse exceto que suas diferenças sejam banidas. Apenas os membros dentro do Bungalow são

---

<sup>4</sup> Tran Van Cong, da Universidade de Hanoi, apresenta uma reflexão interessante sobre o incesto mãe/filho e irmão/irmã em uma conferência: « Le principe incestueux dans les romans indochinois de Marguerite Duras » <https://www.margueriteduras.org/les-conf%C3%A9rences-en-ligne/tran-van-cong-le-principe-incestueux-dans-les-romans-indochinois-de-marguerite-duras/>. Ele explica que a problemática incestual presente neste livro, e na vida, de Marguerite Duras, deve ser entendida no contexto da família e da tradição oral vietnamita. Ele defendeu uma tese sobre essa questão em 2012 na Universidade Católica de Louvain.

excepcionais, e cada um está pronto para o maior silêncio como para a maior violência, para expressar o que eles dizem ser o amor incondicional, onde a recusa da alteridade permite ao antropólogo suspeitar de uma quebra nas regras sociais onde a comensalidade, intimidade e sexualidade são partilhadas sem distinção de sexo, de gênero, de geração, e testemunham uma emancipação impossível uns dos outros. A sucessão de gerações é quebrada assim como as leis de proibição do incesto. Neste bangalô “sólido”, a mãe consegue preparar refeições, mais ou menos elaboradas em função do seu estado de espírito, melancólica ou colérica, quase exclusivamente graças ao filho que caça e traz de volta o mesmo pássaro preto todos os dias para comer, o que muitas vezes repugna, e outras vezes deleita. O bungalô é o cadinho da inseparação, destes seres que se livram do outro por ser diferente e confirmam, pela distância estabelecida, seus corpos indiferenciados. Existe ali uma atmosfera e uma problemática que nos trazem de volta ao *hikikomori*.

Retirar-se do mundo parece, no decurso da nossa investigação, uma busca de reparação das transgressões e fraturas familiares onde o não dito e aquilo que é ambíguo são onipresentes. Este isolamento, que no início parecia ser uma forma de proteção da pressão da família, revela gradualmente uma tentativa de pôr a família em ordem de novo. O isolamento do *hikikomori* provoca uma série de ações por parte de uns e de outros e, sobretudo, força o cuidado<sup>5</sup> e dá aos jovens o poder de reatribuir os papéis. Os pais, que muitas vezes estão fisicamente e simbolicamente ausentes destas famílias, são levados a assumir posições esperadas pelos próprios jovens. Na França e no Japão, o homem da casa reage muitas vezes violentamente à apatia do filho, tentando forçá-lo a sair<sup>6</sup>, ordenando-lhe ir à aula, para encontrar-se com os outros, para dedicar-se às atividades ao ar livre. Armand, Louis, Quentin, Kilian, Olivier e tantos outros que nos confiaram as suas histórias, foram arrastados para fora dos seus quartos, colocados à força no carro para serem deixados em frente de seus colégios ou liceus, onde a maioria deles ficaram paralisados em frente da porta de entrada, obrigando ao funcionário telefonar para a mãe para que ela fosse buscar a criança que ficou doente, no leito da enfermaria ou cuidada pelos bombeiros. As mães são, ao contrário dos pais, cada vez mais presentes, compreensivas e protetoras. Algumas deixam de trabalhar, se esta decisão não tiver sido tomada desde o nascimento dessa criança. A suposta violência masculina oporia-se pela compaixão silenciosa e resignada das mulheres. No entanto, esta presença, entendida como o destino fatal da mãe cuidadora, pode constituir, para o jovem que se fecha, outro tipo de violência, mais silenciosa, conduzindo a esta posição silenciosa mantida pelo *hikikomori* durante muitos meses, até que um pequeno acontecimento provoque a erupção do vulcão. Saito, o primeiro psiquiatra a ter tentado definir este comportamento, explica que basta um pequeno incidente, uma refeição preparada demasiado tarde pela mãe, uma tarde muito longa que ela passou cozinhando para outro membro da família, por exemplo, para o irmão que deixou de viver com eles, que o recluso entra numa crise violenta, aterrorizando toda a família, ao ponto de impor ainda mais silêncio, por vezes provocado por uma passagem ao ato: um golpe que teria sido fatal e causado o desmaio da mãe, como nos conta Saito, em um dos dos casos observados. Em outros casos, o golpe foi fatal.

---

<sup>5</sup> Um livro coletivo sobre as experiências e os lugares de cuidado dos *hikikomori* foi publicado por três autores: Vellut, N., Marin, C., Figueiredo, C. & Fansten, M. (Orgs). (2021) *Hikikomori. Expérience d'un confinement*. Rennes, France: EHESP.

<sup>6</sup> Esta situação é claramente colocada em cena no filme sobre um *hikikomori* de Laurence Thruish *Do outro lado da porta*, 2009.

A mãe, destinatária da queixa que ela aceita e protege, é subitamente silenciada pela ausência do pai que não intervém ou, pior, pelo terror imposto pelo filho. As representações dos papéis parentais que parecem demarcar o universo do *hikikomori* respondem a um fato comum à maioria das sociedades onde o interior, o lar, é visto como espaço feminino de recolhimento e o exterior como um espaço masculino e agressivo. Para os jovens em isolamento, ficar próximos das mães, ou pressionar as mães a ficarem perto deles, significa, às vezes, manter a mulher no seu destino como donas de casa habituadas a este papel, e, ao mesmo tempo, submetê-las ainda mais a esta ditadura da divisão sexual das tarefas e das representações que ela resulta. Desta forma, o adolescente em isolamento, permanecendo próximo da sua mãe, vive uma forma de feminização e, simultaneamente, reproduz a dominação masculina, forçando-a a permanecer perto dele, e impondo a sua tirania. Isto é o que Françoise Héritier nomeou como a valência diferencial dos sexos.

Há um paradoxo nesta situação. O *hikikomori* impõe de fato a obrigação de cuidar, inerente às mulheres (Gilligan, 1982), privando ao mesmo tempo a dona do lar do seu estatuto de mãe cuidadora, uma vez que o seu filho já não partilha a refeição diária e faz dela uma parceira de solidão, pela falha de não poder torná-la uma parceira sexual. De fato, a devoção materna já não permite mais que seja a esposa de outro homem. O pai acaba, muitas vezes, indo embora definitivamente, tendo fracassado em arrastar o seu filho para fora, ou retira-se do jogo familiar, prolongando o tempo fora de casa. Ou seria o filho que o expulsa, respondendo, talvez, a um desejo materno?

Em todo caso, a inexistência de vida íntima dos pais revela o próprio sentimento de inexistência do adolescente. Os espaços da casa são tão permeáveis quanto o corpo do recluso que se fecha para tentar, como um arquiteto, encontrar limites. O sentimento de não-ser é expresso pela imposição de um ritmo ao qual todos estão sujeitos. A rotina diária da família é perturbada: o ritmo dia/noite dos *hikikomori* é invertido, eles deslocam-se pela casa à noite, um tempo imaginado pela criança como o do segredo dos corpos, em particular o dos pais. O isolamento interrompe, assim, não só o acesso sexual destes jovens, bem como a sexualidade do pai e da mãe, dos irmãos e das irmãs. O vaguear noturno até a cozinha ou ao banheiro obriga a casa ao imobilismo e à abstinência. Os *hikikomori* (re)determinam de fato os papéis de gêneros, dessexualizando os diferentes membros da família.

### **Desafiar o sexo e o gênero**

A feminização dos rapazes reclusos no lar, mais precisamente, no ambiente familiar materno, é um processo de inversão de gênero que se encontra no caso das jovens anoréxicas encontradas no hospital, em sua configuração oposta. Os sintomas corporais provocados pela restrição alimentar patológica e o excesso de atividade física, como a interrupção da puberdade, revelam uma forma de masculinização. Esta observação foi feita na pesquisa antropológica de Karine Tinat (2019) sobre a anorexia no México. Ela recorre ao trabalho de Françoise Héritier e à existência de uma constante antropológica: competição entre os sexos, onde o masculino prevalece sempre sobre o feminino, e mostra que estas jovens tentam encontrar uma solução para o seu mal-estar não se submetendo à injunção de critérios estéticos. A ideia é que para contrariar uma percepção de toda onipotência materna, e do feminino alienado dos critérios de perfeição corporal, estas jovens observam um controle dos seus gostos e dos seus corpos assimilados à dominação masculina. Esta resposta não é apenas, como os estudos feministas

demonstraram, consentânea com as normas de gêneros, mas se trata sempre de se colocar na posição do dominante. Em suma, ao masculinizar-se, os anoréxicos procuram adquirir controle social de sua vida e de seu corpo.

Durante o meu trabalho de campo, em consultas com psiquiatra infantil e em hospitalização de adolescente, observei que, nos cuidados hospitalares destas jovens, tudo é feito para trazê-las de volta a uma estrutura, visando protegê-las dos seus excessos (de controle), a maior parte do tempo através de um processo que as refeminize. Neste espaço onde os corpos são governados por uma ordem institucional (Fassin, Memmi, 2004, Figueiredo, 2019a), a comensalidade é obrigatória para todos e todas. No entanto, uma sala de transição, pode-se dizer - porque é uma fase intermédia entre a refeição consumida sozinho(a) no quarto e a passagem para o grande refeitório -, é dedicada aos anoréxicos, os menus são individualizados, consumidos numa atmosfera calma e cronometrada. O enquadramento do tempo passado à mesa evita a mastigação excessiva, a limpeza excessiva dos alimentos nos pratos (para absorver a gordura) ou beber demasiadamente. O hiper controle da ingestão continua, mas é a instituição que o impõe, como a mãe-cuidadora fá-lo-ia, ou deveria fazer de acordo com a norma social partilhada. Através desta separação do espaço familiar, as jovens são obrigadas a deixar os membros da família reorganizarem-se numa vida quotidiana que já não é governada pelos imperativos de uma criança que impõe as suas restrições alimentares e a sua assexualidade. Ao mesmo tempo, é uma questão de reabilitá-los a uma consciência corporal libertada dos olhares e projeções da família. O governo dos corpos é levado a cabo graças à regulação do que ingerem e do que deles sai, através de uma aliança terapêutica estabelecida pelo quadro institucional. Está fora de questão tomar laxantes, provocar vômitos, jejuar e selecionar os alimentos. A proeza entre os médicos e os anoréxicos é difícil, e um acontecimento importante assinala a vitória dos cuidadores e a melhoria da saúde do estado físico e psíquico das jovens: o retorno da menstruação. O corpo recomeça a funcionar normalmente, como os de uma dama. Para isso, devem também observar um ritmo particular: para além de uma dieta equilibrada, elas não devem gastar energia através de atividades esportivas ou passar horas de estudo intensamente. Sem permissões para saídas, nem longos momentos de tricô em pé, ler ou falar. A palavra chave é "aprender" a descansar.

Para os *hikikomori*, pelo contrário, espera-se uma reinserção no mundo, tentando levá-los ao hospital de dia para propor-lhes várias atividades. Na instituição, busca-se acalmar e moderar o frenesi dos pacientes hospitalizados por causa da anorexia nervosa, tratando de (re)avivar os jovens em isolamento, quando conseguiram fazê-los internar-se ou que eles se integrem a uma estrutura cuidados-estudos<sup>7</sup>. Assim, o isolamento social do *hikikomori* pode ser visto como uma forma invertida de anorexia nervosa na sua expressão sexuada. Algumas anorexias são identificadas como uma patologia mental, enquanto o isolamento social é identificado mais como um transtorno de condutas. Ambos evocam a impossibilidade de se encarnar numa identidade de gênero, sexuada e sexualizado, um corpo do qual estes jovens, homens e mulheres, sentem-se despojados das obrigações de serem à imagem de moças e moços "normais". A resposta a esta agressão é claramente expressa: trata-se de retirar o próprio corpo do jogo social, impondo a violência do próprio sofrimento, através de uma inatividade excessiva e de um isolamento do espaço partilhado comensal, num caso, e pela sobrecarga ostensiva de um corpo amarrado aos rituais mórbidos das refeições e das atividades de todo o tipo de gênero, em outro caso. O apagamento físico, supostamente procurado no confinamento ou na magreza,

---

<sup>7</sup> Internato que permite uma escolarização a la carte com um acompanhamento médico.

impõe, paradoxalmente, uma hiper-presença destes corpos sem apetite e assexuados, que fazem explodir as normas de sexo e gênero. Esses jovens, homens e mulheres, ao imporem uma dieta e um regime sexual a toda a família, procuram definir-se como sujeitos, masculinos ou femininos, para individualizarem-se. Desse modo, fazem dos seus corpos o objeto da sua aflição, na esperança de libertar-se deles, ou de integra-los em uma forma própria. Esta é uma forma complexa de construção do sujeito que se relaciona com o seu corpo-objeto. As buscas dos *hikikomori* e dos anoréxicos associam-se neste ponto e pela forma com a qual eles se alimentam e impõem a valência diferencial dos sexos. Na forma como também sentem e interpretam a violência de uma rejeição, a da criança que, como nos Samo estudados por Françoise Héritier, afasta a cabeça do peito da sua mãe, provando o que ele supõe ser uma “incompatibilidade dos humores”: “a criança no peito afasta-se com horror do seio da mulher que tem o seu período ou que teve relação sexual” (Héritier, 2003, p. 18). Este mau gosto é muito semelhante ao da transgressão.

Ao impor as normas de sexo e gênero às quais se sentem inicialmente alienados, talvez esses jovens tenham a sensação de controlar, finalmente, qualquer coisa, em uma forma toda poderosa e cruel, uma crueldade que eles vivem nos seus corpos feridos pela fome, o medo de devoração e a repressão do desejo sexual, ou do simples desejo. Como se estes corpos fossem o depósito de alimentos não identificados, não solicitados e não digeridos. De um toque e de um nutrimento diferente do que é percebido nas suas relações familiares. O corpo é mais do que o emblema do seu exclusivo sofrimento, é a boneca ventríloquo de uma repugnância familiar não confessada, na qual a posse do lugar socialmente dominante do pai não é suficiente. É necessário livrar-se da alimentação forçada da mãe, a quem se retira o seu papel para melhor expressar o nojo sentido, sem compreender sua origem, e com uma certa culpa presente durante as sessões de vômito de umas e de outras, das várias fobias e do medo de evacuações corporais descontroladas. Haveria um segredo vergonhoso e inominável nessas famílias? Um abuso sexual? Um envenenamento que leva a uma velha história de suicídio? Um aborto do qual nunca se falou?

A história desses corpos colocados num regime de silêncio de ruminação intra-familiar é desvendada por cada um, como Ulisses que, fugindo por pouco à caverna-boca devoradora do ciclope Polifemo, “aquele que nunca pára de falar”, passa de ninguém a “filho de Laërte, rei de Íthaquea”. Ulisses, vagueando até lá, na sua caótica jornada, separando-se da sua família, proclama-se a si próprio e pode finalmente tomar o caminho que ele decide ser a sua terra por direito. O seu pai terá de reconhecê-lo novamente no seu regresso, como o fez no nascimento, porque não é o seu genitor. O grande olho devorador de Polifemo, estropiado pela passagem ao ato do adolescente, permite que o medo da revelação do segredo das origens seja transformado em libertação vitoriosa. O corpo pode libertar-se de suas máscaras, das paredes de papel do quarto, da silhueta transparente, da lã de ovelha, dos trajes do mendigo, de todos esses artefatos que protegem durante algum tempo, sem colocá-lo fora de perigo de envenenamento, levando à morte.

O isolamento social como forma invertida de anorexia nervosa, ou, pode-se dizer, como outra expressão do sofrimento adolescente, é também a falta de apetite por tudo, expressa na violência do silêncio e do terror impostos pelo *hikikomori*. Nada os atrai, nada os seduz, enquanto, ao contrário do que muitas vezes se imagina, os anoréxicos mostram um apetite constante e insaciável: pelo conhecimento, pela sedução, pela preparação de refeições à sua própria maneira:

Chamamos de anorexia uma condição que na realidade não é uma falta de apetite. O anoréxico não come nada e tem um grande apetite. Como aponta Kostas Nassikas, se através da comida, todos comemos o outro de uma forma metafórica, o anoréxico de alguma forma, salta essas etapas e, faminto, come o outro na sua forma mais pura: o outro-Ideal (Ostermann, Combre, 2012, p. 96).

Nas configurações atuais das relações de gênero, onde o masculino ainda é visto como o sexo mais forte, estabelecer-se como o responsável sobre a transformação do próprio corpo é possivelmente, para as moças anoréxicas e para os jovens *hikikomori*, uma maneira incomum de sair da mesa, sem a permissão, e partir em busca do graal.

Em todas as histórias de adolescentes, há uma compreensão, mais ou menos consciente, das coisas que devem ser consertadas nas transmissões familiares, dos equívocos consubstanciais, de como alimentar-se e ser alimentado, de como permanecer fiel e evitar-se, de como revoltar-se e impor outro domínio alimentando-se de venenos transgeracionais que nunca saciam o suficiente. De acordo com Claude Lévi-Strauss, a única forma de estar em contato com o inimigo é fazer guerra com ele, correndo o risco de vida, ou casar, fazer dele um aliado, podemos dizer que para sair do isolamento e da anorexia, os adolescentes que conhecemos têm certamente que decidir passar do despojamento de si para uma aliança com o eu.

### **Em conclusão: para além da dor, a glória**

Uma bela ilustração artística resume o objetivo deste artigo. Encontra-se no filme *Dor e Glória*, de Almodóvar (2019). Um diretor brilhante vive confinado em sua casa em sofrimento físico que o obriga a tornar-se dependente de drogas e medicamentos, sem apetite para nada e perdendo toda a criatividade. Várias cenas mostram mulheres preocupadas com o seu estado físico e mental, a sua governanta, a sua assistente pessoal, tentando animá-lo e obrigando-o a comer. Contudo, este homem, reconhecido internacionalmente, para quem está sendo organizada uma retrospectiva, é incapaz de voltar a (re)engajar-se com o mundo ou de ter uma relação amorosa ou sexual. Ele procura recuperar as criações e as relações passadas, em uma nostalgia de um ser no fim da sua vida. Além disso, as suas memórias de infância assombram-no, e ele não consegue superar a morte de sua mãe, que o criou numa aldeia troglodita. Ela é onipresente, ela decide tudo, incluindo o seu destino como artista, observando admiravelmente o seu dom para os estudos e a arte nesse ambiente de analfabetos. O pai está frequentemente ausente, à procura de trabalho, mesmo noutras regiões. Neste antro feminino, Salvador, o protagonista de Almodóvar, quando criança, experimenta o seu primeiro desejo quando vê a nudez do jovem pedreiro que está fazendo algum trabalho em casa, a pedido da sua mãe, e a quem a criança ensina fragmentos de leitura e escrita em troca dos trabalhos. Esta visão de um corpo masculino pulverizando-se com água provoca um despertar insustentável dos sentidos nele: Salvador desmaia e é colocado na cama pelo próprio Eros, o jovem vestido.

O tempo durante o qual ele está inconsciente, e a febre que se segue, permitem-lhe esquecer a causa do mal-estar: o corpo do outro, o objeto de desejo. Esta ocultação é também a do seu próprio corpo, das suas próprias necessidades, do seu apetite pela vida. Na sua depressão adulta, durante uma saída excepcional do luxuoso apartamento em que vive em reclusão, esta cena primordial retorna a Salvador. Numa loja de antiguidades, ele encontra um desenho de si mesmo quando criança, feito pelo jovem pedreiro, o qual naquela época foi desafiado pela beleza de uma cena onde Salvador lia pacificamente sentado numa cadeira no centro da caverna.

Face a esta lembrança, uma nova chama acende-se e permite a Salvador experimentar o prazer sem dor, para (re)descobri-lo. Ele emerge da apatia, do vício e encontra a inspiração para criar. A criança transtornada deixa o limite da sua casa-caverna e consegue, como adulto, voltar a envolver-se na vida com um corpo curado, que começa a desejar novamente, por si só e para consigo. Um corpo próprio, um corpo que ele pode partilhar.

Para Salvador, como para os *hikikomori* que conhecemos no Sahara, no Japão e na França, como para as moças anoréxicas que conhecemos no hospital, a questão não é tanto recuperar lembranças e gostos da infância. O apetite primordial não regressa e nunca regressará, ele pertence a este mundo imaginário que foi construído num outro espaço-tempo. É uma questão de aceder a outra dimensão do seu ser, de uma transformação física e psíquica e de uma reinvenção do eu; quando o apetite do outro aparece, força a uma mudança na forma como olhamos para nós mesmos, separados das injunções sobre um corpo idealizado pelos outros. O confinamento dos *hikikomori*, e o ascetismo que ele implica, aparece, de um ponto de vista antropológico, ser um caminho de purificação que, como no caso da anorexia, testa o corpo e, através dele, os laços familiares e os papéis de cada um. De uma auto-percepção alterada no início deste isolamento, esta insurreição silenciosa constitui uma sensação de autocontrole comparável à busca dos anoréxicos. Para os *hikikomori*, o isolamento é o terreno da possibilidade: a emergência de um novo corpo e de uma nova forma de estar no mundo. Através de encontros originais, através da internet, através dos seus próprios gostos, a pessoa retraída pode subitamente sentir-se como se estivesse atravessado a porta, com um corpo e apetite renovados, um sexo, um gênero e a criação do eu. Louis, Armand e Kilian hoje experimentam isso nas relações amorosas que os empurraram para fora da casa dos pais. Para os tuaregues, é uma questão de encontrar “a própria casa”, e o termo que designa o útero-tenda (ehen) é também utilizado para designar a própria casa (Claudot-Hawad, 1996), além da esposa, ou mesmo o ato de casar-se. Voltamos a isto: encontrar o próprio corpo, decidir cuidar dele e dar-lhe novamente à luz, para todos estes jovens homens e mulheres, são todos atos que constituem um verdadeiro casamento consigo mesmo.

## Referências

- Bloch, M. (2010). Commensalité et empoisonnement. *La pensée de midi*, 1 (30), 81-89. Doi: <https://doi.org/10.3917/lpm.030.0081>
- Bonin, Ph. (2000). Dispositifs et rituels du seuil. Une topologie sociale: détour japonais. *Communications*, 70, 65-92. Doi: <https://doi.org/10.3406/comm.2000.2064>
- Bonte, P. (1994). Manière de dire ou manière de faire. Peut-on parler d'un mariage arabe ? In P. Bonte (Org.), *Epouser au plus proche. Inceste, prohibitions et stratégies matrimoniales autour de la Méditerranée* (pp. 371-398). Paris: EHESS.
- Claudot-Hawad, H. & Camps, G. (1996). Ehen (pl. Ihanan). In Salem Ch. (Org.), *Encyclopédie berbère*, 17 (pp. 2591-2595). Aix-en Provence: Peeters Publishers. Doi: <https://doi.org/10.4000/encyclopedieberbere.2131>
- Diasio, N. (2014). Alimentation, corps et transmission familiale à l'adolescence, *Recherches familiales*, 11 (1), 31-41. Doi : <https://doi.org/10.3917/rf.011.0031>

- Diasio, N. (2017). Domesticating instability and learning new body care: an ethnographic analysis of cleanness practice on the shold of adolescence (France and Italy). *Italian journal of sociology of education*, 9 (3), 122-155. Doi : <http://ijse.padovauniversitypress.it/2017/3/6>
- Fansten, M., Figueiredo, C., Pionné-Dax, N. & Vellut, N. (Orgs.). (2014). *Hikikomori. Ces adolescents en retrait*. Paris: Armand Colin. Doi : <https://doi.org/10.3917/arco.fanst.2014.01>
- Fassin, D. & Memmi, D. (Orgs.). (2004). *Le gouvernement des corps*. Paris: EHESS.
- Figueiredo, C. (2013). Histoires de renoncement? Le cas des jeunes retirants sociaux touaregs au Mali. *Enfance et psy*, 58 (1), 130-139. Doi : <https://doi.org/10.3917/ep.058.0130>
- Figueiredo, C. (2019a). Le corps adolescent face à la souffrance psychique: enjeux individuels, sociaux et politiques de l'hospitalisation en pédopsychiatrie. *Enfances, famille, générations*, (23). Doi : <https://doi.org/10.7202/1067813ar>
- Figueiredo, C. (2019b). Une nouvelle forme de renoncement. Le corps en retrait des jeunes hikikomori (retirants sociaux) en France et au Japon. *Ateliers d'anthropologie*, 46. Doi: <https://doi.org/10.4000/ateliers.11419>.
- Gilligan, C. (1982). *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Godelier, M. (2007). *Au fondement des sociétés humaines*. Paris: Albin Michel.
- Héritier, F. (2003). Une anthropologie symbolique du corps. *Journal des africanistes*, 73 (2), 9-26. Doi: <https://doi.org/10.3406/ahess.2002.280024>
- Héritier, F. (1995). *Les deux sœurs et leur mère. Anthropologie de l'inceste*, Paris: Odile Jacob.
- Héritier, F. (1996). *Masculin/féminin*. Paris: Odile Jacob.
- Melville, H. (1996) *Bartleby le scribe*. Paris : Gallimard.
- Ostermann G. & Combe C. (2012). L'anorexie: la violence paradoxale d'un corps en trop. In A. Joyce (Org.), *Violences chaudes, violences froides* (pp. 85-102). Toulouse: ERES. Doi: <https://doi.org/10.3917/eres.joyce.2012.01.0085>
- Racamier, P. C. (2010). *L'inceste et l'incestuel*. Paris: Dunod.
- Saito, T. (2013). *Hikikomori. Adolescence Without End*. Minneapolis: University of Minnesota Press. (Trabalho original publicado em 1998).
- Tajan, N. (2017). *Génération hikikomori*. Paris: L'Harmattan.
- Tinat, K. (2019). *Las bocas útiles*. México: El Colegio de México.
- Van Gennep, A. (1909), *Les rites de passage*. Paris : Ed. Nourry.
- Vellut, N., Martin, C., Figueiredo, C. & Fansten, M. (Orgs.). (2021). *Hikikomori. Une expérience de confinement*. Paris: Presses de l'EHESS. Doi : <https://doi.org/10.3917/ehesp.vellu.2021.01>

**Tradução:** Isael de Jesus Sena

**E-mail:** [senaisael@gmail.com](mailto:senaisael@gmail.com)

**Revisão gramatical:** Aliana Georgia Carvalho Cerqueira

**E-mail:** [alianageorgia@hotmail.com](mailto:alianageorgia@hotmail.com)

Recebido em julho de 2021 – Aceito em dezembro de 2022.